

AULAS DE CIDADANIA

Andrea Cecília Ramal

Neste processo eleitoral, um fenômeno foi constatado: as crianças têm acompanhado como nunca os programas dos candidatos na TV. Prova disso é que elas cantarolam suas músicas, comentam seus trejeitos e inclusive chegam a tomar partido, fazendo campanha por seus candidatos - que nem sempre coincidem com os dos pais.

Uma das explicações possíveis para este fenômeno está na mudança do enfoque na educação básica – que, se ainda não ocorreu totalmente, pelo menos está ocorrendo a um ritmo superior do que muitos imaginam. De uns anos para cá, várias escolas têm permitido que a vida concreta atravessasse o currículo. Em vez de apresentar conteúdos distantes do contexto do aluno, os professores buscam abrir a sala de aula para a realidade entrar. Temas como saúde, paz, convívio multicultural, tolerância, reformas sociais e o próprio direito a uma educação de qualidade têm ocupado o lugar das teorias acadêmicas abstratas, fazendo não só com que os alunos se sintam mais motivados, porque percebem o significado do que estudam, como também permitindo que se preparem para o verdadeiro exercício da cidadania.

Essa é a escola de que se precisa num país que consolida seu processo democrático. Se a educação não mudasse o enfoque, estaríamos fadados à reprodução social, à perpetuação do sistema vigente através da formação de alunos passivos, que se habituariam a estudar o que não faz muito sentido simplesmente porque vai ser cobrado numa avaliação, ou porque é necessário para o exame de seleção à universidade.

Ao contrário, a escola de uma sociedade democrática é formadora da consciência crítica, é capaz de instigar, levar à reflexão, provocar no aluno o sentimento de compromisso com a transformação social a partir de uma ética humanista. O resultado de uma escola que prepara para a vivência da democracia é a formação integral de pessoas que se compreendem como agentes de mudança, e assumem uma liderança, nos diversos campos, para promover esses valores com autonomia e competência.

Um exemplo simples: até pouco tempo, o representante de turma era eleito a partir de critérios como popularidade ou simpatia. Hoje, muitas escolas promovem verdadeiros processos eleitorais para a escolha dos representantes, estimulando os

alunos a definirem o perfil de liderança em que acreditam, a apresentarem programas e planos de atuação, a votarem conscientemente - e não só por amizade - e a prestarem contas daquilo com o que se comprometeram.

Outras escolas têm realizado debates simulados entre candidatos a presidente, nos quais cada aluno assume um “papel” e, para poder desempenhá-lo, deve estudar com o grupo o programa do respectivo partido. Em seguida, professores e alunos analisam a coerência entre o discurso e o programa apresentado, além da validade das propostas sugeridas frente ao estudo dos problemas do contexto contemporâneo.

Estes são apenas alguns dos exemplos do que ocorre em muitas salas de aula de educadores que já perceberam a importância do seu papel na consolidação da democracia, assim como na formação de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade pautada pela justiça, a solidariedade e a convivência pacífica.

Estas mudanças na educação levam, inevitavelmente, a um interesse maior dos estudantes pelos programas dos candidatos na TV. O jogo político invadiu a escola: eles percebem que precisam estar atualizados e atentos, pois são convidados a assumir o seu protagonismo social. Se estas experiências ainda limitadas se multiplicassem e potencializassem, podemos antever como isso contribuiria substancialmente para a formação da cidadania no Brasil.

Evidentemente, isso torna ainda maior a responsabilidade dos candidatos com o que dizem e prometem nos seus programas. Seus ouvintes e interlocutores são, agora, também as crianças: pessoas que, embora ainda não possam votar, estão começando a participar de um novo contexto no qual o diálogo político é uma realidade. Na arena discursiva, os cidadãos atuantes do futuro se reconhecem e se identificam com os ideais apresentados.

Frente aos programas eleitorais, ou trabalhando nas salas de aula, as crianças se deixam encantar pelo amanhã a construir. Então não é apenas uma atividade letiva o que ocorre: é o anúncio de uma nova dinâmica social, na qual o líder é alguém que se coloca a serviço dos demais e se compromete com a verdade. As crianças não discutem apenas conteúdos disciplinares, mas sim posturas de vida; aprendem a acalentar e partilhar sonhos que anunciam um país novo: o país no qual uma outra história, construída por todos e para todos, é possível e necessária.